

Atividades em sala de aula

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Coordenadora do Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática.

Professora de curso de pós-graduação em Educação Matemática.

E-mail: acarambi@alumni.usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0677-3878>.

1. INTRODUÇÃO

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”¹

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes...”²

“As tecnologias não são meras ferramentas transparentes; elas não se deixam usar de qualquer modo: são em última análise a materialização da racionalidade de uma certa cultura e de um ‘modelo global de organização do poder’”³

As atividades desta edição têm como referência a questão da dialogia educ comunicativa e da emancipação do ser humano, tendo como apoio o artigo: “Dialogia educ comunicativa nos ecossistemas formativos jornalísticos” de Antonia Alves Pereira. A discussão resulta de pesquisa doutoral que articulou seu referencial teórico-metodológico às pedagogias freireanas, à pedagogia do jornalismo e ao jornalismo como emancipação cultural, tendo como força motriz o pensamento de Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Milton Campos.

Na mesma perspectiva, o artigo: “Letramento midiático e direitos à comunicação e à informação um mapeamento exploratório de ações públicas e da produção acadêmica” de Beatriz Becker, Beatriz Silva Goes e André Pelliccione, explora a ideia de que o letramento midiático é um instrumento importante

1. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987. p. 78.

2. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2010. p. 91.

3. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 256.

para apreender os direitos à informação e à comunicação. Entretanto, o exercício da cidadania implica conhecer legislações e regulações que garantem esses direitos.

Continuamos a reflexão com o artigo: “Tecnologias digitais, atividade docente e crise sanitária” considerações sobre a obra “Educomunicação no contexto pandêmico”, de Rogério Pelizzari de Andrade. O estudo examina temas como a plataformização da educação e a influência exercida pelas *big techs* no cotidiano escolar. Também discute a aceleração social do tempo, intensificada pela onipresença dos dispositivos digitais, propondo regulamentações que garantam o uso ético das tecnologias.

O tema seguinte é a violência: o lado obscuro da IA, abordado no artigo: “Violência artificial: Violência contra mulheres e o lado obscuro da inteligência artificial”, de Simona Tirocchi. Especificamente, o artigo propõe uma reflexão teórica sobre as novas formas de violência digital possibilitadas pela tecnologia, com foco no caso do *chatbot* Replika. Para a autora, a expansão qualitativa e quantitativa da violência coloca novos desafios de mídia-educação, particularmente no que diz respeito à necessidade de projetar e propor novas formas de prevenção adequadas a esse novo cenário e de fortalecer a alfabetização específica em IA.

A reflexão sobre o diálogo continua com o artigo: “Permanência, abandono e retorno à EJA: estudo em um colégio social no Vale do Sinos”, de Sueli Maria Cabral, Daniela Erhart Loeblein e Luciano Dirceu dos Santos. O estudo tem como objetivo analisar as principais razões que levam à permanência, ao abandono e ao retorno à Educação de Jovens e Adultos (EJA) de um grupo de educandos pertencentes a um colégio social localizado no Vale do Sinos (RS).

As atividades desta edição estão organizadas a seguir:

- Dialogia educocomunicativa: emancipação do ser humano;
- Letramento midiático e direitos à comunicação e à informação;
- Violência artificial, violência contra as mulheres e o lado obscuro da inteligência artificial;
- Plataformização da educação e a influência exercida pelas *big techs* no cotidiano escolar;
- O abandono escolar, caso EJA.

2. PRIMEIRA ATIVIDADE

2.1. Dialogia educocomunicativa: emancipação do ser humano

O artigo “Dialogia educocomunicativa nos ecossistemas formativos jornalísticos”, de Antonia Alves Pereira, trata de como o mergulho transdisciplinar, a educocomunicação e as Geografias da Comunicação⁴ podem sedimentar a

4. MOREIRA, Sonia Virgínia. *Geografias da comunicação, uma disciplina*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba, 4-9 set. 2017.

formação do ecossistema formativo jornalístico pelo conceito da dialogia educacional. Esses conceitos, segundo a autora, foram elaborados após a identificação do lugar de inserção dos cursos de jornalismo no território usado⁵, noção que se refere aos usos feitos pelos atores hegemônicos e hegemônicos no espaço geográfico, uma vez que cada um deles o interpreta de maneira diferenciada.

A atividade tem como público-alvo os profissionais das universidades que trabalham com os meios de comunicação e jornalistas.

Está organizada na seguinte sequência didática:

- 1) Propor a leitura individual e/ou em grupo de estudos da introdução “Cursos de Jornalismo como potência de territórios educativos” e refletir sobre os seguintes conceitos abordados no artigo:

- Os territórios;
- Qual o sentido que a autora dá para: “configuração de territórios vulneráveis”;
- Qual o significado de pronúncia do mundo: “Os lugares e a pronúncia do mundo como emancipação social e empoderamento coletivo [...]”.
- A conclusão com a citação de Freire e Martín-Barbero:

Para Freire⁶, a condição para existir em um mundo pronunciado resulta da problematização dos sujeitos pronunciantes, que leva a um novo pronunciar. Como espaço estratégico de cruzamento e interação dos ecossistemas comunicacionais, Martín-Barbero⁷ observa a cidade educadora a partir de mapas-projetos, políticas e projetos educativos interculturais.

- Os cursos de jornalismo a partir da citação:

Os projetos pedagógicos de curso e o olhar dos coordenadores de curso contribuíram nessa averiguação, que buscava situar a prática cotidiana nas práticas freireanas, na pedagogia do jornalismo⁸ e no jornalismo como emancipação social⁹.

- Os ecossistemas na citação:

Ecossistema comunicativo, um conceito que é utilizado no paradigma da educação para descrever a ambiência comunicacional dos espaços de interação dialógica que envolve os atores sociais em torno da descentralização de vozes, relações horizontais, diálogo social e garantia de acesso aos recursos tecnológicos e midiáticos que devem estar à disposição de todos para o exercício da cidadania.

- A dialogia educacional:

5. SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **OSAL**: Observatório Social de América Latina, ano 6, n. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 255-261.

6. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2018. p. 108.

7. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 142.

8. MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaína; BEZERRA, Juliana Freire. (org.). **Pedagogia do jornalismo**: desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020.

9. OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

O conceito de dialogia educacional, que eleva a ambiência do espaço formativo, definido como vivência sensível que amplia as relações de sujeitos-dialógicos no ecossistema formativo jornalístico.

- 2) Fazer a síntese das opiniões e, em seguida, explorar os temas no artigo, registrando o que considera mais relevante para cada um e como é tratado, tendo em vista as considerações feitas no item anterior.
- 3) Finalizar com a questão:
 - Qual sua opinião sobre a afirmação da autora: “Os conceitos de ecossistema formativo jornalístico e de dialogia educacional são fundamentais para a formação jornalística”.
- 4) O artigo começa com a discussão: as práticas pedagógico-comunicacionais em interação com as pedagogias freireanas, emergentes e do jornalismo, aderentes à dimensão dialógico-cidadã.

Em seguida, aborda os indicadores educacionais do percurso formativo no contexto sociocultural. Depois, os itinerários educacionais e as trilhas de saberes como processo dialógico e cidadão para fortalecer os espaços formativos. Ao final, apresenta a justificativa da opção pelo termo itinerário.

Para cada tema, selecione a argumentação da autora que lhe pareceu mais importante para fundamentar sua tese. Apresentamos algumas; registre sua opinião:

- Sobre as práticas pedagógico-comunicacionais:

A educação como prática de liberdade¹⁰ estava presente na ação didático-pedagógica de Marques de Melo como atuação revolucionária e resistência ao contexto da ditadura militar e à imposição do Currículo Mínimo aos cursos de Comunicação Social, assim como em sua prática como pedagogia da comunicação.

- Sobre os indicadores educacionais e freireanos;
- Analisar a Figura 2: Itinerários educacionais para espaços formativos;
- Sobre a cartografia dos indicadores educacionais:
- A contribuição de um educador, isto é, do mediador com competências educacionais, é fundamental no ecossistema formativo jornalístico para que ajude a suscitar oportunidades de diálogo, mesmo quando se apresentam diante dele apenas brechas ou fissuras de possíveis espaços de escuta e abertura.
- Sobre o por que de itinerários educacionais?

10. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

O termo itinerário indica um caminho a ser percorrido num percurso formativo que se estrutura com elementos didáticos, metodológicos e educacionais para tornar o currículo flexível, interdisciplinar e aberto.

- 5) Nas considerações finais, que a autora apresenta como inacabadas, qual a sua opinião sobre os destaques a seguir:
 - A partir da aplicação dos itinerários educativos, as incertezas podem ser permeadas por um esperar que apresente um horizonte para uma vivência dialógico-cidadã como expressão da pronúncia do mundo;
 - O jornalismo emancipatório se materializa sem aquele receio de transgredir o que se convencionou chamar de “neutralidade jornalística”, para assumir distintos pontos de vista, a fim de fortalecer a posição inicial com um compromisso ético e autêntico.

3. SEGUNDA ATIVIDADE

3.1. Letramento midiático e direitos à comunicação e à informação

Na perspectiva da formação do educador, o artigo: “Letramento midiático e direitos à comunicação e à informação um mapeamento exploratório de ações públicas e da produção acadêmica”, de Beatriz Becker, Beatriz Silva Goes e André Pelliccione, explora a ideia de que o letramento midiático é um instrumento importante para apreender os direitos à informação e à comunicação. Entretanto, o exercício da cidadania implica conhecer legislações e regulações que garantem tais direitos.

Atividade tem como público-alvo os profissionais das mídias, professores da escola básica e alunos. Apresentamos uma sugestão de estudos:

- 1) Leitura individual ou em grupo de estudos da introdução do artigo, registrando os termos que considera relevantes.

Selecionamos alguns. Complete com outros a partir de sua leitura:

- *fake news* nas plataformas e redes sociais;
 - *news literacy*;
 - ecossistema informativo;
 - ambiente midiático;
 - alfabetização digital.
- 2) Fazer a síntese dos demais termos selecionados no grupo.
 - 3) Em seguida, propomos que pesquise na internet, utilizando as ferramentas de IA, o significado de cada termo, anotando as referências.

Indicamos como consulta o Gemini e o Perplexity. Atenção: é importante que a pergunta fique clara.

- 4) Com a leitura do próximo item, “Direitos à comunicação e à informação: documentos de referência no brasil e no exterior”, fazer o levantamento dos principais documentos apresentados no estudo.
- 5) No item “Mapeamento Exploratório”, propomos analisar os quadros citados no artigo, selecionando pelo menos um artigo de cada quadro para leitura e discussão no grupo:

- Quadro 1 – Mapeamento dos artigos sobre *Letramento Midiático* publicados em periódicos nacionais;
- Quadro 2 – Mapeamento dos artigos sobre *Alfabetização Midiática* publicados em periódicos nacionais;
- Quadro 3 – Mapeamento dos artigos sobre *News Literacy* publicados em periódicos nacionais;
- Quadro 4 – Mapeamento dos artigos sobre *Direito à Comunicação* publicados em periódicos nacionais;
- Quadro 5 – Mapeamento dos artigos sobre *Direito à Informação* publicados em periódicos nacionais.

6) Considerações:

Nas considerações finais, os autores apontam que o mapeamento exploratório realizado evidenciou maior concentração da produção acadêmica nos últimos três anos sobre letramento midiático, alfabetização midiática, *news literacy*, direito à comunicação e direito à informação em 2023.

E que, embora haja muito o que se construir e os direitos humanos ainda sejam frágeis, eles são também um horizonte que se estabeleceu como a principal linguagem da defesa da dignidade humana na atualidade e uma forma de resistência necessária para a humanização do sistema capitalista neoliberal¹¹.

Retomando o artigo que escolheu no item 5, para leitura em cada quadro, você concorda com os autores? Cite pelo menos um argumento a favor.

4. TERCEIRA ATIVIDADE

4.1. Violência artificial, violência contra as mulheres e o lado obscuro da inteligência artificial

O desenvolvimento das tecnologias digitais tornou complexo o debate em torno da definição de “violência de gênero” ou violência contra as mulheres. Violência e o lado obscuro da IA, abordado no artigo “Violência artificial: Violência contra mulheres e o lado obscuro da inteligência artificial”, de Simona

11. LIESEN, Maurício. **Comunicação e Direitos Humanos, elementos para um jornalismo responsável**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

Tirotchi, propõe uma reflexão teórica sobre as novas formas de violência digital possibilitadas pela tecnologia, com foco no caso do chatbot Replika.

A atividade tem como público-alvo os profissionais das mídias sociais, professores e comunicadores sociais.

1) Organizamos a leitura abordando os seguintes tópicos:

- A necessidade de fortalecer a alfabetização específica em IA, dada a expansão qualitativa e quantitativa da violência, visando fortalecer formas de prevenção;
- O advento da internet, seguido pela ascensão das mídias sociais e plataformas digitais, expandiu o leque de comportamentos violentos, não só de gênero como políticos;
- Não apenas o *cyberbullying* — uma das primeiras formas amplamente reconhecidas e estudadas de violência digital — surgiu como uma extensão do *bullying* tradicional, mas definições mais amplas de violência cibernética também ganharam destaque;
- O artigo propõe uma reflexão teórica sobre as novas formas de violência digital possibilitadas pela tecnologia, com foco no caso do *chatbot* Replika.

4.2. Busca de significado

Segundo a autora, o Replika é um *chatbot* de inteligência artificial que simula conversas e interações humanas. Ele oferece amizade e suporte emocional, ajudando os usuários a explorar seus pensamentos, gerenciar a ansiedade e desenvolver habilidades de enfrentamento.

- 2) O artigo apresenta um estudo detalhado de pesquisas que tratam e/ou apontam sobre a violência digital contra a mulher. Registre algumas e seu conteúdo.
- 3) No item “Assédio Sexual Artificial”: Quem é o autor? O caso Replika. Discutir o fenômeno do assédio sexual artificial, que apresenta uma dimensão única da interação humano-tecnologia, particularmente no contexto de *chatbots* controlados por IA. Um exemplo disso é o Replika. Por que o *chatbot* é colocado como um assédio sexual?
- 4) Como podemos combater formas de violência contra mulheres (e todos os grupos vulneráveis) e prevenir aquelas facilitadas por novas tecnologias digitais?
- 5) O artigo termina com a questão: Alfabetização em IA e Educação de Gênero: Combatendo a Violência Artificial por Meio da Cultura: as dimensões análise e avaliação.

A autora apresenta que a dimensão “análise” pode envolver o desenvolvimento de estratégias para analisar criticamente a comunicação e os códigos de IA abordando vários elementos do processo de comunicação (quem são os atores? Quais modelos de público eles almejam? Quais códigos eles usam?). Esse aspecto também pode envolver a capacidade de identificar estereótipos e visões.

Ainda, a “avaliação” refere-se à capacidade de avaliar o conteúdo gerado por IA incluindo originalidade, criatividade e precisão.

5. QUARTA ATIVIDADE

5.1. O abandono escolar, caso EJA

A questão do abandono escolar é o objeto de estudo do artigo: “Permanência, abandono e retorno à EJA: estudo em um colégio social no vale do Sinos”, de Sueli Maria Cabral, Daniela Erhart Loeblein e Luciano Dirceu dos Santos. O estudo tem como objetivo analisar as principais razões que levam à permanência, ao abandono e ao retorno à EJA de um grupo de educandos pertencentes a um colégio social, localizado no Vale do Sinos (RS).

A atividade é destinada aos educadores, professores e responsáveis pelas políticas públicas da educação.

Apresentamos a sequência didática para estudar o problema do abandono:

- 1) Registrar o percurso histórico da EJA no Brasil, lendo o item “Percurso e funções da educação de jovens e adultos no Brasil” no artigo, apontando os documentos que são citados e seus objetivos.
- 2) A partir da leitura dos documentos, escrever o perfil do jovem matriculado na EJA.
- 3) A análise de dados da pesquisa é apresentada em três categorias. Propomos a leitura e o registro do que foi, para você, mais impactante nos depoimentos dos jovens em cada categoria, justificando:
 - Categoria 1 – Permanência: As perspectivas futuras e a motivação para a continuidade dos estudos;
 - Categoria 2 – Abandono: Causas do abandono escolar: compromisso, demandas pessoais e profissionais;
 - Categoria 3 – Retorno: Motivações para o retorno à EJA: busca por desenvolvimento pessoal e profissional.
- 4) Nas considerações finais, os autores ressaltam alguns pontos a seguir. Você acrescentaria outros, a partir da leitura dos depoimentos?

- Os entrevistados apontaram como fatores de permanência na EJA as perspectivas futuras e a motivação para a continuidade dos estudos;
- Com relação ao abandono na EJA, os entrevistados citaram a dificuldade em dar conta de tudo, de conciliar trabalho, família e estudo;
- A motivação dos entrevistados para o retorno aos estudos na EJA é a busca por desenvolvimento pessoal e profissional, indicando a conclusão do Ensino Médio e a continuidade dos estudos.

6. QUINTA ATIVIDADE

6.1. Plataformização da educação e a influência exercida pelas *big techs* no cotidiano escolar

O artigo “Tecnologias digitais, atividade docente e crise sanitária” considerações sobre a obra “Educomunicação no contexto pandêmico” de Rogério Pelizzari de Andrade, é a reescrita do prefácio do livro *Educomunicação no contexto pandêmico: desafios do ensino remoto*¹², que, segundo o autor, encerra um ano marcado por amplas discussões sobre os efeitos dos dispositivos de comunicação digital e das redes sociais, especialmente entre os jovens. O livro é fruto do trabalho do grupo de pesquisa Mediações Educomunicativas¹³. Segundo o autor, a obra traz questões que contribuem para o debate acerca dos impactos da crise sanitária causada pela covid-19 na educação formal, considerando a mediação tecnológica nas atividades escolares e as possíveis consequências do uso excessivo e sem regulação desses aparatos e de suas linguagens.

A atividade que apresentamos se destina aos professores da escola básica, educadores, profissionais das mídias e da Tecnologia da Informação.

- 1) Leitura da apresentação do livro no site do: Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas.
- 2) Registro das ideias principais apresentadas.
- 3) Pesquisar o significado de “plataformização da educação” e “*big techs*”.
- 4) Segundo o autor, a obra dialoga com temas contemporâneos que, nos últimos tempos, deixaram de estar restritos à esfera acadêmica e passaram a repercutir no noticiário cotidiano. Entre eles:
 - A presença ostensiva dos algoritmos nas interações humanas;
 - A falta de regulamentação das *big techs* e o controle que elas exercem sobre nossos dados pessoais;
 - Mudanças no consumo e no acesso à informação;
 - Pesquise esses temas usando as ferramentas da IA e registre sua opinião.

12. CITELLI, Adilson. **Educomunicação no contexto pandêmico: desafios do ensino remoto**. Ilhéus: Editus, 2024.

13. GRUPO DE PESQUISA MEDIAÇÕES EDUCOMUNICATIVAS (MECOM). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenação: Prof. Dr. Adilson Citelli.

- 5) A obra aponta os malefícios causados pela exposição indiscriminada de crianças e adolescentes às telas, especialmente aos *smartphones*; a precarização das relações de trabalho; as doenças físicas e mentais associadas ao processo de aceleração social do tempo; a violência contra profissionais de ensino; e a plataformização da educação. Você concorda?

Consulte a Lei n.º 15.100/2025, sancionada em janeiro de 2025, que regula o uso de celulares nas escolas. Registre os principais pontos considerados na lei e seu objetivo.

- Quais são os benefícios dessa lei para as crianças e adolescentes?
- O que os meios de comunicação têm divulgado sobre a lei?
- Quais são as principais críticas dos jovens à Lei n.º 15.100/2025?

REFERÊNCIAS

- CITELLI, Adilson. **Educomunicação no contexto pandêmico**: desafios do ensino remoto. Ilhéus: Editus, 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- GRUPO DE PESQUISA MEDIAÇÕES EDUCOMUNICATIVAS (MECOM). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenação: Prof. Dr. Adilson Citelli. Disponível em: <https://labidecom.eca.usp.br/grupo-de-pesquisa-mediaco-es-educomunicativas-mecom/>. Acesso em: 20 maio 2025.
- LIESEN, Maurício. **Comunicação e Direitos Humanos, elementos para um jornalismo responsável**. Curitiba: InterSaberes, 2020.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire (org.). **Pedagogia do jornalismo**: desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Geografias da comunicação, uma disciplina. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba, 4-9 set. 2017.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: **OSAL**: Observatório Social de América Latina, ano 6, n. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 255-261.